

BIBLIOGRAPHIA

A MORPHÊA NO BRAZIL, ESPECIALMENTE NA PROVINCIA DE S. PAULO,
PELO DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES. RIO DE JANEIRO 1882

(Continuação da pag. 126)

VIII

Ligar o effeito á causa é sempre um problema de difficil resolução nas sciencias biologicas, tanto pela complexidade dos phenomenos vitaes, como pela deficiencia dos meios de investigação.

Em pathologia principalmente escapa-nos frequentemente esse laço mysterioso que prende uma entidade morbida, mesmo das mais definidas e familiares, ao agente que lhe deu origem.

A etiologia da elephantiasis é um verdadeiro labyrintho, onde o espirito se perde em conjecturas, onde meras hypotheses assumem as apparencias de factos, e onde as coincidencias e as circumstancias fortuitas contribuíram muitas vezes para transviar os espiritos mais atilados. Conflictos de opiniões, juizos contradictorios, discordancias de apreciação, é o que se encontra a cada passo na historia do mal de S. Lazaro, especialmente em relação ás suas causas, desde os tempos mais remotos até hoje.

Reconhecendo as difficuldades do estudo d'essas causas, o Dr. José Lourenço entra n'elle com coragem, e no desenvolvimento de tão intrincado assumpto dá provas de grande erudição e discernimento.

A divisão d'este importante e extenso capitulo do seu livro consta de tres partes: 1ª a exposição das opiniões dos auctores estrangeiros; 2ª os diversos modos de pensar dos medicos brasileiros; 3ª as suas proprias reflexões.

Em cada uma d'estas divisões são individualmente consideradas as influencias do clima, das condições telluricas, da humidade e do regimen alimentar, da syphilis, do parasitismo,

e também a origem espontanea, e, quanto a propagação, o contagio e a herança.

Na apreciação d'estes oito paragraphos em que o auctor divide a etiologia seguiremos por brevidade e para evitar repetições uma ordem differente d'aquella em que elle tratou do assumpto; a cada um dos paragraphos agruparemos o resumo das opiniões citadas, e as conclusões a que chegou o auctor.

Clima.—As variadas condições que constituem o clima de uma zona do globo terrestre, ou de um determinado paiz não são uniformemente acceitas pelos auctores citados, nem por muitos outros omitidos pelo Dr. José Lourenço, como causa da elephantíase. Ha um completo desaccordo a este respeito; para uns ella prefere os paizes quentes, para outros os climas extremos em temperatura, e não poucos a reputam inteiramente alheia a quaesquer influencias climatologicas. Isto pelo que respeita aos auctores estrangeiros. Quanto ao modo de pensar dos nossos compatriotas não são menos variaveis as opiniões. Vemos successivamente attribuir a producção da molestia: á temperatura quente equatorial e dos tropicos; a esta e á humidade e ás variações da atmospherá; a uma condição climatologica especial; finalmente, um dos auctores citados julga muito secundárias estas causas no desenvolvimento da elephantíase.

O Dr. José Lourenço depois de longa e minuciosa comparação dos climas parciaes do Brazil em relação á frequencia da elephantíase em cada provincia, mostra que ella não está em relação com a temperatura media de cada uma, como deveria estar se o calor influísse no seu desenvolvimento; além d'isso considerando que os aborigenes d'este paiz, e os seus actuaes representantes não mesclados não a soffriam ao tempo do descobrimento, nem a manifestaram desde então, conclue que não é ao clima tropical que se deve attribuir a propriedade de produzir a molestia.

Esta conclusão, que nos parece legitimamente deduzida dos factos, pelo menos em relação ao Brazil, é tanto mais notavel

quanto ella se afasta do pensar de muitos dermatologistas antigos e modernos, e da de quasi todos os nossos collegas brasileiros que emittiram juizo sobre a materia. Cremos que a este respeito a questão está no pé em que deve ficar, e o Brazil não mais será accusado de possuir um clima capaz de produzir por si só, e entreter a elephantiase como pensaram alguns escriptores estrangeiros mal informados acerca d'este paiz.

Condições telluricas e humidade. — Sobre este ponto não são menos variaveis as opiniões dos auctores estrangeiros citados pelo Dr. José Lourenço, dando uns grande importancia a essas condições na etiologia da elephantiase, outros pouca ou nenhuma; entre estes ultimos poderia ser nomeado o eminente dermatologista inglez Erasmus Wilson.

Os pareceres dos medicos brasileiros são egualmente discordes quanto á influencia d'aquellas condições do sólo e da atmosphera.

Quanto ás influencias de origem tellurica o auctor julga injustificavel admittil-as na etiologia da molestia; e pelo que respeita á humidade, sem contestar que ella se torne um elemento auxiliar, nega que ella seja a causa productora da elephantiase; e esta conclusão não assenta unicamente na auctoridade dos auctores estrangeiros, mas de uma longa analyse que elle faz do que se passa no Brazil, e da comparação das diversas localidades de cada provincia onde é observada a molestia.

Desenvolvimento espontaneo. — Por esta denominação entende o auctor designar os factos numerosos em toda a parte onde reina a elephantiase, em que não se pode attribuir a molestia a herança, e não admittindo elle o contagio reconhece como espontaneos todos os não ligados áquella causa.

E' a elephantiase idiopathica, ou não transmittida por qualquer forma.

A maioria dos auctores citados é pela espontaneidade do

desenvolvimento da elephantíase, opinião que também adopta o Dr. J. Lourenço. E' razoavel este pensar; mas é certo que em muitos casos reputados espontaneos, unicamente porque a herança, ou o contagio (para os que o admittem) não pode ser verificado, a molestia poderá prender-se a parentes mais remotos, a gerações alternadas ou ao que se chama atavismo, como succede com certas disposições organicas, feições, deformidades, certas aptidões, indoles, etc.; e sabe-se quam incertas, difficeis e fallazes são as investigações retrospectivas nas familias, tendentes a procurar o rasto da molestia na historia dos antepassados.

Contagio — Sobre ser contagiosa a elephantíase variam muito as opiniões; considerada como tal por longa serie de seculos, desde os tempos biblicos, a ponto de lhe serem applicadas as mais rigorosas medidas hygienicas preventivas e repressivas de accordo com os costumes e conhecimentos medicos de cada epoca, não o é hoje para a grande maioria dos medicos que a tem observado em grande escala nos paizes onde ella é endemica. Dos auctores estrangeiros citados pelo Dr. José Lourenço, em numero de quinze, apenas uns tres sustentam o contagio da molestia; e a estes poderia ainda ser accrescentado, de entre os classicos contemporaneos, Erasmus Wilson, que admittre que ella seja contagiosa em grau limitado, e crê que os casos de transmissão observados por elle foram devidos á lactação, e á inoculação syphilitica; e a proposito cita o caso de um jovem medico militar da India, filho de paes inglezes, que veio a soffrer de elephantíase dous annos depois de contrahido de uma mulher elephantíaca um cancro venereo phagedenico.

Verdade é que é elle proprio que reconhece um lado fraco na theoria do contagio da molestia, e vem a ser, que em todos os exemplos citados em apoio d'ella, as pessoas affectadas residiram por algum tempo, e muitas por longos annos, em paizes onde reina endemica a doença.

Outros auctores mais recentes sustentam ainda a theoria do contagio, como por exemplo o Dr. Monro, citado pelo Dr. Milroy no 7.º dos seus longos e importantissimos artigos sobre esta materia, publicados no *Med. Times & Gazette* (Setembro 4—1880). Convem notar que aquelle medico não entende por *contagio* o simples contacto, e sim a inoculação por contacto muito prolongado, mesmo da pelle sã com a doente, e accrescenta que o *facto* recentemente observado de serem as filarias do sangue absorvidas com elle pelos mosquitos, suggere a idéa de poderem ellas tambem ser vehiculos da communicação da molestia. *Materia para estudos futuros.*

Entre os trabalhos recentes vemos ainda citado pelo Dr. Milroy o do Dr. Eklund, de Stockolmo, *Om Spetelska* (que possuímos por obsequio do auctor, mas que não comprehendemos por estar escripto em sueco), no qual se dá o contagio como o principal agente de transmissão da molestia, affirmativa que o Dr. Milroy julga não assentar em bases accetaveis, nem em factos correctamente observados.

Apezar d'estas e de outras opiniões de auctores contemporaneos, é razoavel concluir com o Dr. José Lourenço,—que actualmente a opinião geral é contraria ao contagio da molestia, que por poucos é sustentado.

Entre os nossos compatriotas citados, negam o contagio os Drs. Paula Candido, Aquino Fonseca (na forma anesthesica) Silva (pae), José Paulo Antunes, Anastacio d'Abreu; admittem-n'os os Drs. Castro (do Pará) e o Dr. Argollo Ferrão, e com restricções ou em duvida os Drs. Albino Alvarenga, e Cosme de Sá Pereira.

Nas reflexões do auctor sobre o contagio vem a seguinte consideração: «O que admira no maior grau é que os poucos contagionistas não tenham podido definir como e quando se opera o contagio da lepra».

Syphilis.—Parecerá extraordinario que em um livro escripto na actualidade se encontre ainda um longo capitulo consagrado á questão de saber se o virus syphilitico é ou não

a causa da elephantiase, ou se esta e a syphilis podem transformar-se ou degenerar uma na outra. A quem possui no seu peculio de conhecimentos praticos, embora modesto, algumas noções clinicas de ambas as molestias, ou a quem se tiver contentado apenas com o seu confronto historico e descriptivo pela simples leitura dos auctores classicos e especialistas, parecerá com effeito extranho que ainda hoje se discuta uma questão d'estas. Fêl-o, entretanto o Dr. José Lourenço; teve razão, infelizmente, e é a seguinte:—com rarissimas excepções os numerosos auctores brazileiros por elle citados admittem a relação intima entre a syphilis e as boubas, e a elephantiase, considerando aquellas como causa mais ou menos proxima d'esta ultima affecção! E como o auctor escreveu principalmente para o Brazil, onde esta obsoleta doutrina ainda é sustentada por medicos muito notaveis, não podia dispensar-se de tirar a lín po entre nós este ponto d'etiologia.

E não só foi e é sustentada aquella doutrina, como ainda do alto da sua cadeira por um notavel professor, o Dr. Silva (pae) foi declarado « que no seculo actual é absurdo dizer-se que a syphilis não é causa da morphêa ».

O que nos diz o Dr. José Lourenço acerca do modo de pensar dos auctores europeus nossos contemporaneos, por elle citados, é contrario á noção de que haja alguma cousa de commum entre as duas molestias, que aliás podem coexistir e desenvolver-se parallelamente na mesma epoca, no mesmo logar, e no mesmo individuo. É d'esta co-existencia, e de em outros casos uma ter succedido á outra, que resultou o erro de apreciação que as fez considerar ligadas pelo mesmo vinculo etiologico, ou transformação uma da outra. Assim se pensou na Europa nos seculos que succederam logo ao desenvolvimento da syphilis coincidindo com a diminuição da elephantiase em alguns paizes.

Mas que ainda hoje se pense do mesmo modo em face dos

progressos que toem feito as sciencias biologicas, é muito por admirar.

As razões em que se fundam os que accusam a syphilis de dar causa á elephantiasse não resistem a mais ligeira analyse, e são em resumo as seguintes: 1.º ter aquella precedido esta quer na propria pessoa affectada, quer em seus progenitores; 2.º terem alguns elephantiacos sido amamentados por mães ou amas boubaticas; 3.º não encontrarem outra causa que explique a molestia.

Inconsistentes como são, as bases em que se funda semelhante opinião, que de mais a mais importa reconhecer como factos a transformação das diatheses, e a identidade entre as boubas e a syphilis, provocaram entretanto da parte do Dr. José Lourenço um vigor de argumentação que as aniquila completamente.

De toda a longa discussão a que o auctor consagra não menos de quarenta paginas do seu livro, colhemos os seguintes principaes argumentos contra a doutrina da etiologia boubatica ou syphilitica da elephantiasse, ou de ser esta uma degeneração d'aquellas affecções, aliás distinctas entre si, e ambas de feições clinicas muito diversas do mal de S. Lazaro: 1.º a invariabilidade das molestias diathesicas e permanencia das especies pathologicas através das gerações successivas; 2.º terem a syphilis e a elephantiasse, em sua passagem por tantos organismos no espaço de seculos, conservado os seus respectivos caracteres e feições distinctivas, mesmo quando coexistem no mesmo individuo, ou succedem uma a outra; 3.º os indígenas do Brazil ao tempo do descobrimento soffriam de boubas, e nunca foram attreitos a elephantiasse; 4.º as boubas são muito frequentes no Paraná, onde a elephantiasse é rara; 5.º a syphilis continúa a propagar-se em paizes de clima temperado, onde a elephantiasse se observa raramente; 6.º No Alto S. Francisco e no Uruguay é muito commum a syphilis, e rarissima a elephantiasse.

Depois d'estes factos derivados da historia e da geographia

medica, e que podertam ser multiplicados se fosse necessario, não julgou o auctor preciso, nem o era na verdade, comparar, e cotejar entre si as duas molestias em seu desenvolvimento, symptomas, pathologia, feições clinicas e grau de resistencia perante a therapeutica; mas teve o bom pensamento de ir procurar no proprio sangue dos affectados de uma e outra molestia as alterações que soffre este liquido no decurso do respectivo processo pathologico, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos por outros observadores, e dos que lhe forneceram as suas observações pessoaes.

Nas pesquisas que lhe são próprias n'esta questão de hematologia pathologica foi o Dr. José Lourenço auxiliado pelos Drs. Martins Costa e Pedro Paulo. D'esse trabalho original resultou o conhecimento de que no sangue dos elephantiacos, qualquer que seja a forma da molestia, ha um augmento consideravel dos globulos rubros sobre a media normal; na syphilis succede o contrario, o numero de globulos desce da media, ou nunca a excede.

É principalmente no primeiro periodo d'estas molestias que o contraste é mais pronunciado.

Comquanto este estudo de hematologia da elephantiase, que faz honra ao espirito investigador do Dr. José Lourenço, e deu em resultado outros conhecimentos importantes, mas extranhos á questão vertente, não faça mais, no estado actual da sciencia, do que confirmar o facto quasi universalmente reconhecido da completa independencia e diversidade de natureza das duas affecções. é á opinião contraria, entretida por muitos medicos brazileiros, que devemos o ter que appiaudir mais um passo dado pelo auctor no caminho do progresso scientifico em nosso paiz.

(Continúa)